

Ponto de vista

Pandemias

Luiz Ayrton Santos Júnior¹

¹Médico mastologista/bioeticista. Membro da Academia de Medicina do Piauí. Contato: mastologia@mastologia.com.br

Muitas pandemias já ocorreram na humanidade. Os principais fatores que expõem a um risco são observações sobre higiene, manipulação no ecossistema do planeta, aproximação de pessoas, migrações (comerciantes, missionários etc), convivência com animais, a imunidade e a genética da população atingida. Quando os primeiros humanos saíram das cavernas, por serem nômades e não conviverem com animais nem com o lixo, não há registro de epidemias. Há cerca de 12.000 anos, os animais passaram a ser domesticados e passamos a conviver com eles; há 10.000 anos, criamos a agricultura e deixamos de ser nômades e assim aumentamos a população aglutinada até a primeira cidade construída, que foi Ur, na Mesopotâmia, há 4 mil anos. Ao deixarmos de ser nômades passamos a conviver com o lixo. Alguns animais, como as baratas e o *Rattus rattus*, só existem onde existe um homem, de tanta interdependência. Se encontrarmos uma barata no deserto, por perto tem um ser humano. Os animais humanos, até a criação das cidades, não enfrentaram pragas. A partir daí, os registros sobre epidemias e pandemias são incontáveis, mas algumas chamaram a atenção pelo impacto que produziram.

Hoje, sabemos que muitas das nossas doenças são decorrentes da convivência com os animais. Com os cachorros trocamos 56 delas, com o gado 50, com as ovelhas 46, com os cavalos 35, com porcos 42 e com as aves 26. Os insetos, com o lixo e as águas estagnadas, passaram a viver bem próximos aos humanos e, em seguida, vieram os insetos hematófagos, mais perigosos ainda, como os *Aedes aegypti*. As gripes provêm das aves que têm nariz nos bicos e dos porcos. É, portanto, redundante chamarmos de “gripe suína” ou “gripe aviária”. Dos insetos, a quantidade de zoonoses é incontável. Desde o início da Covid-19, me intrigava chamá-la de gripe, pois a “origem dela era um pangolim”, como informaram os chineses. Depois, com a observação dos primeiros casos no ocidente, vimos que era uma pneumonia e agora uma doença imunológica condizente com o que entendemos não ser originária de um pangolim e, muito mais provavelmente, de um laboratório. Claro, isso é apenas uma suposição para o momento.

No século II a.C, a **Praga de Antonino**, durante o Império Romano, matou 35% da população do planeta. Até 200 d.C., aproximadamente 200 pragas ocorreram, principalmente decorrentes das invasões bárbaras. O Japão, por exemplo, não conhecia epidemias relevantes, entretanto por séculos, a partir de 552 d.C., com a chegada dos missionários budistas da Coreia, o país enfrentou 34 epidemias em oito séculos, fazendo com que a população japonesa só conseguisse crescer após 1250 d.C.

A chegada de Colombo às Américas foi uma tragédia. Ele trouxe, com suas quatro viagens, **varíola, tuberculose, difteria, ameba, sarampo, tracoma, caxumba, lepra, febre amarela e brucelose** e matou, de 1492 a 1502, 90% da população. Na comemoração dos 500 anos pelo descobrimento da América, vi pessoas e jornalistas se posicionarem contra a festa, alegando ser Colombo um malfeitor da humanidade. Ledo engano. Ele foi um homem espetacular e as mortes foram decorrentes da incapacidade de entender que, quando duas populações imunologicamente distintas entram em contato, uma das duas irá morrer. Creio não ser nada romântico o dedinho do ET tocando um humano como no filme. Somente com a chegada dos africanos à América, resistentes geneticamente às pragas, conseguimos repovoar o continente, pois a anemia falciforme funciona contra a malária e é uma evolução genética desses povos. Daí, é interessante saber como reagem essas pessoas com anemia falciforme ao novo Coronavírus. O Haiti foi dizimado com a **tuberculose** e outras doenças em 1493 e hoje sua população é somente de africanos e descendentes. E Colombo levou como praga pra Europa, a **sífilis**. Lá, a sífilis ganha nomes de acordo com os interesses políticos, tal como na COVID-19 de hoje. Os franceses a chamavam de “mal dos napolitanos”, os italianos de “mal dos franceses”, os russos de “magueritza”, pois achavam que essa prostituta contaminou a todos. Chamar a Covid-19 de “gripe chinesa” seria adequado?

Uma das mais importantes epidemias que o mundo enfrentou foi a **Peste Bubônica**, que apareceu depois do Renascimento. Em 1665, era possível ver populações fugindo das cidades para o campo. E, como sempre, epidemias sempre atacam mais fortemente os mais jovens por vários motivos, curiosamente diferente nesta da Covid-19. A Espanha, país preponderante no Renascimento, perdeu parte de seu poder para a Inglaterra por ter sofrido nove anos de peste, de 1677 a 1685. A Inglaterra, porém não ficou de fora. Daniel Defoe, que escreveu o famoso livro “Robinson Crusoe”, tem outro livro, pouco conhecido, que relata muito bem a praga por lá. Chama-se “Diário do Ano da Peste”. Naquela época, as comunicações eram difíceis e a doença, quando batia na porta das casas, já estava espalhada pela cidade. Em novembro, morriam em média 15 pessoas por semana, em Londres. Em abril, já eram 400 e foi o momento que perceberam que alguma coisa estava errada. Em junho, já morriam 1.700 e o pânico estava generalizado. As pessoas não sabiam o que fazer com seus parentes mortos e jogavam os corpos na rua e à noite uma carroça vinha buscá-los e todos eram enterrados em vala comum. Em agosto, 8.000 pessoas morriam por semana e ninguém entendia o que estava acontecendo quando famílias inteiras desapareciam. Hoje, com a globalização e as informações imediatas, permite-se que fiquemos em casa contando, dia-a-dia, quantas pessoas morrem em Madrid, por exemplo. Hora a hora. Interessante lembrar que, na Inglaterra de antigamente, muitos se aproveitavam da situação para encontrar explicações para o fato. “Cientistas” de última hora, como hoje. Em 1664, passou um cometa nos céus e isso foi suficiente para sugerir maus presságios. Pessoas profetizando desgraças encheram Londres. Astrólogos, magos,

curandeiros, charlatões, conselheiros e talismãs povoavam as mentes das pessoas com informações desencontradas. Podemos perceber alguns desses “cientistas” nas manifestações de hoje, pelo WhatsApp. A peste se apresentava como bubões (pústulas na axila e virilha) e era transmitida pelos ratos, fácil de ser controlada, mas ninguém sabia.

Pandemias de **febre amarela e dengue** não aconteciam nas Américas porque não havia o *Aedes aegypti* por aqui. Mesmo assim, em 1850, houve uma pandemia de febre amarela, em 1855 de cólera e em 1878 ocorreu uma de varíola. Disponho de um documento antigo que fala que Jaicós (PI) foi dizimada por uma epidemia no final do século XVIII. O estudo com a varíola foi a base para o nascimento das vacinas, quando descobriu-se que inoculando-a sobre a pele aumentava a imunidade sobre essa doença.

Oswaldo Cruz, que fundou Manguinhos, um dos maiores médicos brasileiros de todos os tempos, além de grande patriota, resolveu convencer o presidente Rodrigues Alves a matar todos os ratos do Rio de Janeiro e a fazer a vacina obrigatória, pois a população não iria entender de outra forma. E por isso foi duramente criticado pela imprensa que, aliada aos inimigos políticos do presidente, sonhava com seu *impeachment*. Hoje, o prefeito da cidade de Teresina, Firmino Filho, em pleno 2020, desejoso por controlar a pandemia do Coronavírus, é alfinetado politicamente como um desesperado. Um erro. A “Revolta da Vacina” talvez tenha sido uma das mais violentas guerras urbanas no Brasil e só ocorreu de 10 a 16 de novembro de 1905, mas 945 pessoas foram presas, 100 gravemente feridas e 30 mortas. O fenômeno da doença no Rio de Janeiro nesta época, ao meu ver, tem que ser associado ao processo de favelização e à criação de cortiços decorrentes da recente abolição dos escravos, analfabetos e abandonados à própria sorte, ocorrida 16 anos antes e também ao aumento exagerado da população no Rio de Janeiro, ocorrido com a chegada de imigrantes que, de 522.000 pessoas (1890) passou para 811.000 em 1906. E, lembrando aos revoltosos de agora, que desviam o foco da doença para a política, o presidente Rodrigues Alves não caiu.

Outra pandemia importante ocorreu no final da primeira guerra mundial e ficou conhecida como “**gripe espanhola**”. A gripe espanhola provavelmente começou no Kansas, EUA, onde acometeu tropas do front da guerra, e durou de 1918 a 1920 e teve três picos. Esse fenômeno tem que ser lembrado quando pensamos em Covid-19. A segunda onda foi mais perigosa que a primeira. A segunda onda, mais mortal, acometeu mais ainda a França, Serra Leoa e EUA. O ácido acetil salicílico (AAS), retirado de uma planta chamada salgueiro, foi plenamente difundido por Hipócrates para o tratamento de dor e no século XIX a Bayer a industrializou, ganhando fortunas de dinheiro no mundo todo. Com a chegada da gripe espanhola, houve recomendações oficiais dos EUA e do *Journal of American Medical Association* (JAMA),

um dos mais importantes jornais médicos da época, para o uso exagerado do AAS (8 a 31g) levando a população para uma enorme intoxicação e culminando com o pico de mortes em outubro de 1918. Esses níveis levavam a hiperventilação, edema pulmonar e morte. Nem sempre, em tempos de pandemias, as melhores informações sobre uma doença vem dos grandes centros. O AAS já tinha perdido sua patente e o laboratório não obtinha mais tanto lucro. O presidente Rodrigues Alves morreu da gripe espanhola, em janeiro de 1919.

Há poucos dias, recebi do Laboratório SANOFI, por e-mail, que devemos desaconselhar o uso da hidroxiclороquina na Covid-19. Se não posso usar no Coronavírus, também é cedo para dizer que não devo usar. Da mesma forma, em plena crise do Coronavírus, recebo de madrugada um telefone do Dr. Sabas Vieira, porta-voz do Coronapiauí, grupo de médicos e gestores, criado por nós para enfrentamento da doença no Piauí, angustiado com as críticas que recebia, pondo em dúvidas se estávamos no caminho certo. Tranquilei-o sabendo que a história da Medicina, mais uma vez, se repetia. Ele tinha saído de uma reunião, onde “detentores do saber” questionavam nosso protocolo. Todos vivem, mas somente uns 15% escrevem a vida, pensei. Há sempre tantos interesses aflorados que as pessoas altruístas ficam pequenininhas nestas horas. Mas não são.

É bom lembrar que a gripe espanhola foi chamada de “gripe chinesa” também. De “gripe francesa” na Espanha. De “gripe brasileira” no Senegal. De “gripe alemã” no Brasil.

Em 1981, quando os primeiros casos de AIDS chegaram em Nova York, o mundo foi empestado de padres, pastores e rabinos dizendo ser uma praga dos deuses (esqueceram que somente no primeiro testamento os deuses causavam pestes). Sentiram-se empoderados para dizer que o homossexualismo era a causa do “pecado”. Aproveitavam da infantil ciência sobre a doença para destrinchar suas maldades e impor aos outros o que desejavam para si, falando em nome de Deus, e convenceram até algumas pessoas naquele momento. Em qualquer epidemia, e mais ainda numa pandemia, onde a ciência ainda não tem suas conclusões, os falsos cientistas e moralistas estão prontos para agir. Mesmo com esse aprendizado, ainda hoje, *fake news* povoam nossos celulares e mentes sobre doenças.

Há relatos do **Coronavírus** ter sido identificado em 1937, mas somente na década de 60 ele foi melhor estudado e a partir daí muitas outras epidemias são causadas por ele. Trata-se um vírus formado por RNA envolto por uma camada de proteínas. Lavar as mãos com sabão é importante para nos livrar do vírus, que tem uma letalidade de 6- 8%, muito alta. O Coronavírus só sobrevive se tiver uma célula para nutri-lo. Duas outras epidemias foram causadas pelo Coronavirus, a de 2002 (SARS – Síndrome Respiratória Aguda Grave), em que morreram 800 pessoas e 8.000 infectados, e a MERS – Síndrome Respiratória do Oriente Médio de 2012.

No Palácio de Versalhes – sim, num palácio – não existiam banheiros, nem pasta de dente e nem papel higiênico e as pessoas sobreviveram a uma pandemia. Os reis eram abanados não por causa do calor, mas pela quantidade de mosquitos que acompanhavam os seus corpos por não tomarem banhos. Desconhecíamos a importância da limpeza das mãos e as noções de esterilizações listerianas e não havia os conceitos implementados por Pasteur, nem os antibióticos iniciados por Fleming em 1929 e nem as vacinas difundidas pelo grande Sabin, que conheci na minha casa em Teresina, ainda criança. Não havia a internet, forte ferramenta de divulgação imediata de ciência em nossas casas, que, tenho certeza, são armas importantes no controle desta pandemia atual.

Como disse Galeno, que teve sua ciência reconhecida por mil anos, pois a sacralidade da vida imposta pela igreja na época impedia a ciência de avançar pesquisando corpos humanos, que o que nos importa é o ar e o meio ambiente, a comida e a bebida, o sono e a vigília, o movimento e o repouso, as excreções e as paixões da alma. E hoje vemos gente nos trazendo essas coisas vias mídias sociais como uma grande novidade.

A Praga de Antonino matou 35% da população, a peste bubônica só em Londres matou 100.000 pessoas para uma população de 400 mil habitantes. A gripe espanhola matou 17 milhões de pessoas e até hoje, começo de maio de 2020, o Coronavírus só matou 260 a 300 mil pessoas em todo o mundo em cinco meses. Ainda vem muito mais coisa pela frente, com certeza.

Uma pandemia é um grande momento de aprendizado. A maioria delas é causada por vírus e vírus em latim quer dizer veneno. Assim, num momento como esse, aprendemos que todos nós, seja um mercador no Vietnã ou um Rei na Inglaterra, temos o mesmo valor. Que qualquer um de nós, temos que ter saúde para garantir a saúde dos outros. Que a informação, o conhecimento e a quarentena são armas importantes de controle das pandemias e só estamos conseguindo agora por causa da nossa capacidade atual de comunicação. Assim como as camisinhas nos salvaram, não só da AIDS, as máscaras vieram para ficar, pois nos salvam de muitas outras doenças respiratórias e assim vamos acumulando informações. Como disse o prefeito de Teresina, os economistas salvam a economia, mas os médicos não salvarão ninguém morto. Sou um otimista; iremos vencer a Covid-19. Basta considerar os aprendizados do passado.